

Fluxo de Caixa e Controle de Custos para uma Micro Empresa na Cidade de Cruz Alta –RS

Ana Paula da Rosa Cavalheiro¹

RESUMO

Com o mercado cada vez mais competitivo, as empresas precisam estar atentas às mudanças que irão auxiliar na tomada de decisão. Com isso se teve a ideia de implantação do fluxo de caixa e controle de custos, o qual colabora com o desenvolvimento da sua atividade empresarial. A pesquisa classifica-se em aplicada, qualitativa, bibliográfica e documental. Utilizou-se do estudo de caso, observação assistemática e participante e entrevista despadronizada para a coleta de dados. A fim de sanar as necessidades da empresa em estudo, foi implantado através do aplicativo Excel, o fluxo de caixa e controle de custos. A partir desse estudo, a empresa passou a ter novas ferramentas para seu controle diário e mensal, para organização de seus dados, auxiliando na tomada de decisão.

PALAVRAS CHAVE: Fluxo de Caixa, Custos, Empresa Familiar;

ABSTRACT

With the increasingly competitive market, companies need to be attentive to changes that will assist in decision-making. With that came up with the idea of deployment of cash flow and cost control, which collaborates with the development of its business activity. The research is classified in applied, qualitative, bibliographical and documentary. It was used in the case study, unsystematic observation and participant and interview despadronizada for data collection. In order to address the needs of the company under study, was deployed through the Excel application, cash flow and cost control. From this study, the company began to have new tools to your daily and monthly control, for organizing your data, assisting in decision-making.

KEYWORDS: cash flow, costs, family-owned company;

1 Introdução

Hoje em dia o mercado está cada vez mais competitivo, portanto, empresas que estão mais atentas às mudanças, ganham mais destaque no mundo empresarial. Com isso observa-se que o controle das entradas e saídas de recursos financeiros e o controle de custos, auxiliam a organização a conquistar seu lugar com mais segurança.

¹ Acadêmica do Curso de Ciências Contábeis da UNICRUZ. E-mail: anapauladarosac@gmail.com

O estudo teve como objetivo implantar um fluxo de caixa e controle de custos como instrumento de planejamento financeiro. Tem-se o fluxo de caixa como uma ferramenta essencial para o controle, que serve como instrumento de análise e planejamento dos recursos financeiros da empresa. Nele é possível verificar todas as movimentações necessárias para uma estrutura de informações, tornando assim mais seguro realizar um investimento ou um desembolso futuro necessário.

Além do fluxo de caixa, os custos são fundamentais para a sobrevivência e longevidade da organização. São aqueles gastos com matéria-prima, estoque, manutenção de máquinas que variam dependendo da produção e que são importantes para a formação do preço de venda e margem de contribuição.

O fluxo de caixa contém as entradas e saídas de recursos financeiros, onde se pode controlar o que ocorreu em cada dia, e o que está a receber e pagar, tanto a curto como a longo prazo.

Já os custos são essenciais para a análise dos gastos e avaliação de desempenho, podendo assim, ser realizado um planejamento mais seguro para a tomada de decisão.

Para a empresa em estudo esta dificuldade é visível, pois não possui nenhum controle de fluxo de caixa e nem planejamento financeiro. Como já visto, essa relação é necessária para se manter e atuar de forma competitiva.

Por esta razão, implantou-se o fluxo de caixa e planejamento financeiro, o qual visa colaborar para o desenvolvimento da sua atividade empresarial.

2 Caracterização da organização

A empresa em estudo está localizada na rua Venâncio Aires, 2055 – na cidade de Cruz Alta-RS. É uma microempresa optante pelo Simples Nacional e a contabilidade é feita no Escritório de Contabilidade da irmã do proprietário.

Com o nome fantasia de Confeitaria e Lancheria do Jura, e iniciou suas atividades em 14/06/2002 fazendo rapaduras, cucas, pães caseiro e distribuindo em pequenas lancherias e mercadinhos. Atualmente atua no ramo alimentício, na parte de padaria, lancheria e minimercado.

O proprietário da empresa, Jurandir Steinbrenner já trabalhou em lancherias da cidade como empregado, decidiu abrir seu próprio negócio para ter uma renda maior para sua família

e por gostar da área de alimentos. Começou sozinho e atualmente tem a ajuda de um primo, da esposa e filhas.

2.1 Contabilidade Financeira

A contabilidade financeira gera informações aos usuários externos, como investidores, acionistas, fornecedores, etc. Visa aumentar o rendimento da empresa, utilizando da melhor maneira os recursos existentes como o planejamento, análise e controle das atividades financeiras.

É entendida basicamente como o instrumental contábil essencial para a feitura dos relatórios para usuários externos e necessidades regulamentadas (PADOVEZE 2003, p. 9).

Para Zdanowicz (2002, p. 22):

A administração financeira centraliza-se na captação, na aplicação dos recursos necessários e na distribuição eficiente dos mesmos, para que a empresa possa operar de acordo com os objetivos e as metas a que se propõe a sua cúpula diretiva.

De acordo com Atkinson *et al* (2000, p. 37) “contabilidade financeira lida com a elaboração e a comunicação de informações econômicas de uma empresa dirigidas a uma clientela externa: acionistas, credores (bancos, debentures e fornecedores), entidades reguladoras e autoridades governamentais tributárias”.

Portanto, a contabilidade financeira fornece informações para os administradores externos na forma de relatórios para atender as necessidades encontradas, sendo sempre uma análise objetiva e relevante.

2.2 Contabilidade Gerencial

A contabilidade gerencial está voltada aos usuários internos da organização, onde auxilia no processo da tomada de decisão. Visa facilitar o planejamento, controle e avaliação de desempenho.

Segundo Padoveze (2003, p. 9) “surgiu da necessidade do gerenciamento contábil interno em função das novas complexidades dos processos de produção, objetivando informações para tomada de decisão”.

As informações da contabilidade gerencial incluem dados históricos e estimados usados pela administração na condição de operações diárias, no planejamento de operações futuras e no desenvolvimento de estratégias de negócios integrados (WARREN, REEVE, FESS 2001, p. 3).

Para Iudícibus e Marion (2002, p. 44):

A contabilidade gerencial está voltada para fins internos, procura suprir os gerentes de um elenco maior de informações, exclusivamente para a tomada de decisões. Diferencia-se das contabilidades já abordadas, pois não se prende aos princípios fundamentais da contabilidade.

Em sentido amplo, toda contabilidade é considerada gerencial. Toda informação contábil contribui com a tomada de decisões, não apenas dos usuários externos, mas também dos administradores. (PARISI E MEGLIORINI 2011, p. 8).

A contabilidade gerencial gera informações úteis para os usuários internos como administradores e gestores, para auxiliar na tomada de decisão.

2.3 Fluxo de Caixa

Fluxo de Caixa é o controle de entradas e saídas de recursos financeiros, que auxiliam os gestores na tomada de decisão. As informações extraídas fornecem uma antecipação da situação financeira da empresa onde o gestor pode operar de acordo com as necessidades encontradas.

Chamamos de fluxo de caixa o método de captura e registro dos fatos e valores que provoquem alterações no saldo de caixa e sua apresentação em relatórios estruturados, de forma a permitir sua compreensão e análise. (SÁ, 2012, p. 11).

Nas micro empresas o controle do fluxo de caixa é difícil pois precisa ser compreendida geralmente pelo proprietário da empresa que não está acostumado a lidar com essa situação. Não percebendo a importância deste tipo de controle muitos vão à falência.

Segundo Smith (1994 *apud* SÁ 2012, p. 3) “Se uma empresa reporta lucros elevados mas não está gerando caixa, ela pode não estar gerando lucro algum. É preciso ter em mente que o que quebra uma empresa não é a falta de lucro, as empresas quebram por falta de caixa”.

Para Zdanowicz (2002, p. 23):

O fluxo de caixa tem como objetivo básico, a projeção das entradas e saídas de recursos financeiros para determinado período, visando prognosticar a necessidade de captar empréstimos ou aplicar excedentes de caixa nas operações mais rentáveis para a empresa.

Segundo Assaf Neto e Silva (2012, p. 34) “os fluxos de caixa costumam apresentar-se sob diferentes formas: restritos, operacionais e residuais, podendo ainda relacionar o conjunto das atividades financeiras da empresa dentro de um sentido amplo, decorrente das operações”.

Portanto fluxo de caixa é indispensável para o sucesso de uma empresa, pois sabendo planejar e controlar seus recursos financeiros, terá mais clareza de seus ingressos e desembolsos de recursos financeiros.

2.3.1 Tipos de Fluxo de Caixa

Quanto aos tipos de fluxo de caixa, existem três: o fluxo das atividades operacionais; fluxo das atividades de investimento e fluxo das atividades de financiamento.

Para Campos Filho (1999, p. 26 e 27 *apud* MEYER):

As atividades operacionais correspondem às contas da demonstração de resultado, é a demonstração dos principais pagamentos e recebimentos operacionais. As atividades de investimento correspondem ao grupo Ativo Permanente do Balanço Patrimonial. As Atividades de Financiamentos incluem os recursos de terceiros e os recursos próprios recebidos.

Segundo a Deliberação da Comissão de Valores Mobiliários (CVM) Nº 547, de 13 de agosto de 2008, encontram-se os seguintes conceitos:

Atividades operacionais são as principais atividades geradoras de receita da entidade e outras atividades diferentes das de investimento e de financiamento.

Atividades de investimento são as referentes à aquisição e à venda de ativos de longo prazo e de outros investimentos não incluídos nos equivalentes de caixa.

Atividades de financiamento são aquelas que resultam em mudanças no tamanho e na composição do capital próprio e no endividamento da entidade, não classificadas como atividade operacional.

O fluxo de caixa das atividades operacionais representa os resultados financeiros produzidos pelos ativos identificados diretamente na atividade da empresa. As atividades de investimento estão relacionadas com as movimentações de caixa que irão afetar o ativo permanente da empresa, como a compra de máquinas, terreno, veículos, etc. Já as atividades de financiamento são oriundas da escolha da estrutura de capital da empresa, são

movimentações de caixa decorrentes do pagamento de empréstimos, integralização de capital, pagamento de dividendos, etc. (ASSAF NETO E SILVA 2012, p. 48 e 53).

Cada empresa tem sua necessidade, portanto deverá usar o tipo de fluxo de caixa que mais se enquadra, onde possa ser analisado financeiramente de acordo com as atividades realizadas.

2.3.2 Métodos de Elaboração

Existem duas formas de elaboração do fluxo de caixa, o método direto que demonstra detalhadamente o que de fato ocorreu com os recebimentos e pagamentos e o que foi afetado; e o indireto que demonstra indiretamente através de comparação de saldos o fluxo financeiro.

Para Zdanowicz (2002, p. 129) elabora-se o fluxo de caixa a partir das informações recebidas dos diversos departamentos, setores, seções da empresa, de acordo com o cronograma anual, mensal ou diário de ingressos e desembolsos, remetido ao Departamento ou Gerência Financeira.

De acordo com Sá (2012, p. 141):

O fluxo de caixa obtido pelo método direto fornece algumas importantes informações a respeito do processo de formação de caixa da empresa. Além disso, por ser obtido diariamente e permitir, dentro de certos limites, a projeção dia a dia das entradas e saídas de caixa, constitui-se em instrumento insubstituível quando se trata de fazer o planejamento financeiro. E o fluxo de caixa obtido pelo método indireto baseia-se em dados das demonstrações contábeis. Nele, os elementos de análise com os quais trabalhamos são as variações das contas contábeis no início e no fim do período considerado.

O fluxo de caixa é um dos instrumentos mais eficientes de planejamento e de controle financeiro, o qual poderá ser elaborado de diferentes maneiras, conforme as necessidades ou conveniências de cada empresa, a fim de permitir que se visualizem os ingressos de recursos e os respectivos desembolsos. (PIVETTA 2005, p. 7).

Portanto conclui-se que a elaboração do fluxo de caixa vai depender do porte da empresa, tipo de atividade econômica e do processo de comercialização.

2.3.3 Implantação do Fluxo de Caixa

A implantação do fluxo de caixa são as avaliações feitas pelos documentos adquiridos dos vários departamentos de uma empresa, que serão implementadas para um melhor aproveitamento das informações coletadas.

Zdanowicz (2002, p. 133) diz que: “a implantação do fluxo de caixa consiste em apropriar os valores fornecidos pelas várias áreas da empresa segundo o regime de caixa, isto é, de acordo com os períodos que efetivamente deverão ocorrer os ingressos e desembolsos de caixa”.

Os principais requisitos para a implantação do fluxo de caixa são, segundo (ZDANOWICZ 2002, p. 132):

- Apoio da cúpula diretiva da empresa;
- Organização da estrutura funcional da empresa com definição clara dos níveis de responsabilidade de cada área;
- Integração dos diversos setores e/ou departamentos da empresa ao sistema do fluxo de caixa;
- Definição do sistema de informações, quanto à qualidade e aos formulários a serem utilizados, calendário de entrega dos dados (periodicidade) e os responsáveis pela elaboração das diversas projeções;
- Treinamento do pessoal envolvido para implantar o fluxo de caixa na empresa;
- Criação de um manual de operações financeiras;
- Comprometimentos dos responsáveis pelas diversas áreas, no sentido de alcançar os objetivos e as metas propostas no fluxo de caixa;
- Controles financeiros adequados, especialmente da movimentação bancária;
- Utilização do fluxo de caixa para avaliar com antecedência os efeitos da tomada de decisões que tenham impacto financeiro na empresa;
- Fluxograma das atividades na empresa, ou seja, definir as atividades meio e as atividades fins.

Portanto, serve para empresa alcançar seus objetivos e metas propostas, e auxiliar para um melhor aproveitamento de suas entradas e saídas de recursos financeiros.

Tem-se os modelos de fluxo de caixa e mapas auxiliares, que quanto mais explicitados forem, irão servir para um controle mais eficaz das entradas e saídas de recursos financeiros.

Segundo Zdanowicz (2002, p. 173) o controle do fluxo de caixa é tão essencial à empresa como o seu processo de planejamento, pois um depende do outro para que ambos possam ser úteis e práticos.

Logo abaixo, está apresentado um modelo de fluxo de caixa:

PERÍODOS	JAN			FEV			...			TOTAL		
	P	R	D	P	R	D	P	R	D	P	R	D
1 INGRESSOS												
Vendas à vista												
Cobranças em carteira												
Cobranças bancárias												
Descontos de duplicatas												
Venda de itens do ativo permanente												
Aluguéis recebidos												
Aumentos do capital social												
Receitas financeiras												
Outros												
SOMA												
2 DESEMBOLSOS												
Compras à vista												
Fornecedores												
Salários												
Compra de itens do ativo imobilizado												
Energia elétrica												
Telefone												
Manutenção de máquinas												
Despesas administrativas												
Despesas com vendas												
Despesas tributárias												
Despesas financeiras												
Outros												
SOMA												
3 DIFERENÇA DO PERÍODO (1-2)												
4 SALDO INICIAL DE CAIXA												
5 DISPONIBILIDADE ACUMULADA (+/- 3+4)												
6 NÍVEL DESEJADO DE CAIXA PROJETADO												
7 EMPRÉSTIMOS A CAPTAR												
8 APLICAÇÕES NO MERCADO FINANCEIRO												
9 AMORTIZAÇÕES DE EMPRÉSTIMOS												
10 RESGATES DE APLICAÇÕES FINANCEIROS												
11 SALDO FINAL DE CAIXA PROJETADO												

P = projetado; R = realizado; D = defasagem.

Quadro 1: Modelo de fluxo de caixa

Fonte: Zdanowicz (2002, p. 145).

No quadro 1, um modelo de fluxo de caixa, que controlam as entradas e saídas dos recursos financeiros da empresa. Os dados para o fluxo de caixa serão colocados conforme apurados nos mapas auxiliares.

2.4 Contabilidade de Custos

Contabilidade de custos é o processo ordenado de usar os princípios da contabilidade geral para registrar os custos de operação de um negócio, onde se torne possível à administração utilizar as contas para estabelecer os custos de produção e de distribuição, com

a finalidade de obter operação eficiente, econômica e lucrativa. (SILVA JUNIOR 2000, p. 80).

2.4.1 Terminologia de custos

Na contabilidade de custos existem terminologias utilizadas nas empresas para seu constante controle como os gastos, custos, desembolsos, despesas, perdas, desperdícios e investimentos.

“Gasto é o consumo genérico de bens e serviços. Os gastos ocorrem a todo o momento e em qualquer setor de uma empresa como, por exemplo, a matéria prima consumida no processo produtivo e energia elétrica consumida na área industrial.” (PEREZ JR., OLIVEIRA E COSTA, 2002, p. 16).

Segundo Dutra (2003, p. 33) gasto é o valor pago ou assumido para obter a propriedade de um bem, incluindo ou não a elaboração e a comercialização, considerando as diversas quantidades adquiridas, elaboradas ou comercializadas.

Berti (2002, p. 26) conceitua desembolso como um “pagamento resultante de uma compra (aquisição) de um bem ou de um serviço. É a saída financeira da empresa, entrega de ativos a terceiros”.

Desembolso para Silva e Niyama (2013, p. 185):

São saídas de dinheiro do caixa ou das contas bancárias das empresas, como por exemplo, entrega a terceiros de parte do numerário da empresa. Os desembolsos ocorrem em virtude do pagamento de compras à vista ou de uma obrigação assumida anteriormente.

Ainda para Silva e Niyama (2013, p. 185) custos são os gastos essenciais à produção, pois os fatores produtivos são utilizados com o objetivo da venda de produtos e serviços para a geração de receitas. São todos os outros gastos efetuados nas áreas de apoio da empresa. São exemplos de custos: salários e encargos sociais dos empregados da administração e material de consumo da administração.

Na concepção de Dutra (2003, p. 33), “custo é a parcela do gasto que é aplicada na produção ou em qualquer outra função de custo, é o valor aceito pelo comprador para adquirir um bem ou é a soma de todos os valores agregados ao bem desde sua aquisição, até que ele atinja o estágio de comercialização”.

Perdas são os fatos ocorridos em situações excepcionais que fogem à normalidade das operações da empresa. Constituem-se de eventos ocasionais e indesejados, como a

deterioração anormal de ativos causados por incêndios ou inundações, furtos, etc. (WERNKE, 2004 p. 12).

Para Perez Jr., Oliveira e Costa (2003, p.17):

Perdas são gastos anormais ou involuntários que não geram um novo bem ou serviço e tampouco receitas e são apropriadas diretamente no resultado do período em que ocorrem, como por exemplo: vazamento de materiais líquidos ou gasosos, material com prazo de validade vencido.

Investimento para Berti (2002, p. 27) é o gasto para aquisição de ativo, com a finalidade de obtenção de benefícios a curto, médio e longo prazo, como exemplo: máquinas e equipamentos para fábrica, matéria prima. Já Martins (2003, p. 25) diz que investimento é um gasto ativado em função de sua vida útil ou de benefícios atribuídos a futuros períodos.

Desperdício são todas as atividades que não agregam valor e que resultam em gastos de tempo, dinheiro, recursos sem lucro, além de adicionarem custos desnecessários aos produtos. Como exemplo, a produção de itens defeituosos, a movimentação desnecessária. (WERNKE 2004, p. 12).

De acordo com Dutra (2003, p. 33), “despesa é a parcela do gasto que ocorre desligada das atividades de elaboração dos bens e serviços. São os gastos incorridos durante as operações de comercialização”. Já para Martins (2003, p. 25) despesa é um bem ou serviço consumido direta ou indiretamente para a obtenção de receitas.

2.4.2 Classificação de custos

Os custos podem variar de acordo com cada empresa e podem ser classificados quanto à forma de apropriação e distribuição, e quanto à forma de variabilidade.

Quanto à forma de apropriação, são classificados em diretos e indiretos. Os diretos, segundo Silva e Niyama (2013, p. 186) são aqueles gastos que em tese são facilmente mensurados e diretamente aplicados à produção, como mão de obra direta e consumo de materiais diretos.

Para Dutra (2003, p. 42) “direto é o custo que pode ser diretamente apropriado a cada tipo de bem ou órgão no momento de sua ocorrência, isto é, está ligado diretamente a cada tipo de bem ou função de custo”.

Já os custos indiretos, que são os custos que, por não serem perfeitamente identificados nos produtos ou serviços, não podem ser apropriados de forma direta para as unidades específicas, necessitam da utilização de algum critério de rateio para sua alocação. Como por

exemplo, mão de obra indireta e materiais indiretos. (PEREZ JR., OLIVEIRA E COSTA 2002, p. 25).

Quanto à forma de variabilidade, são os custos fixos que para Perez Jr., Oliveira e Costa (2002, p. 22), “são os que permanecem constantes dentro de determinada capacidade instalada, independem do volume de produção. Como exemplo, aluguel e seguros”.

Os custos variáveis para Silva e Niyama (2013, p. 187):

Dependem da quantidade produzida. Estão diretamente relacionados com o volume de produção. Quanto maior a quantidade produzida, maiores serão os custos variáveis totais de produção. Exemplo: matéria prima consumida e mão de obra.

De acordo com Wernke (2004, p. 14), custos variáveis são os que estão diretamente relacionados com o volume de produção ou venda. Quanto maior for o volume de produção, maiores serão os custos variáveis totais.

2.4.3 Métodos de custeio

Os métodos de custeio são responsáveis pelos rateios e servem para apropriação dos custos. Neste estudo serão abordados os métodos de custeio por absorção e variável.

Segundo Crepaldi (2002, p. 220):

Custeio por absorção é derivado da aplicação dos princípios fundamentais de contabilidade, pois está de acordo com o regime de competência e a confrontação de receitas e despesas.

Wernke (2004, p. 20) afirma que, “é o método mais tradicional de custeio, e é empregado quando se deseja atribuir um valor de custos ao produto, atribuindo-lhe também uma parte dos custos indiretos”.

Outro método de custeio é o variável que é baseado na margem de contribuição, conceituada como a diferença entre o total da receita e soma de custos e despesas variáveis. (DUTRA, 2003, p. 229).

Para Bruni e Famá (2003, p. 208):

No sistema de custeio variável, apenas os custos variáveis são atribuídos a produtos elaborados, que, juntamente com as despesas variáveis, serão subtraídos da receita, gerando um valor que é denominado margem de contribuição.

“Esse método de custeio não segue os princípios fundamentais de contabilidade do regime de competência e confrontação, por isso não é reconhecido para efeitos legais, mas é

de grande auxílio na tomada de decisões, sendo bastante usado para fins gerenciais”. (CREPALDI 2002, p. 223).

Portanto, o custeio por absorção atribui parte dos custos diretos e indiretos de fabricação para cada produto, portanto é um dos mais utilizados. Já o custeio variável varia de acordo com a quantidade produzida.

2.5 Relação Custo/Volume/Lucro

Por abranger conceitos de margem de contribuição e ponto de equilíbrio a relação entre custo/volume/lucro pode ser usada como um instrumento na tomada de decisão pelos gestores.

Crepaldi (2002, p. 225), afirma que “a relação entre custo, volume e lucro é a relação que o volume de venda tem com os custos e lucros”.

Para Wernke (2004, p. 41):

As análises de custo/volume/lucro são modelos que visam demonstrar, de forma gráfica ou matemática, as inter-relações existentes entre vendas, os custos (fixos ou variáveis), o nível de atividade desenvolvido e o lucro alcançado ou desejado.

A análise de custo-volume-lucro é um exame sistemático das relações entre preços de venda, volumes de venda e de produção, custos, despesas e lucro. (WARREN, REEVE E FESS 2001, p. 95).

Esta ferramenta auxilia no controle das empresas, gerenciamento e nos processos de planejamento, impactando na tomada de decisão das organizações.

2.5.1 Margem de Contribuição

O valor da receita subtraído os custos e despesas variáveis representa a margem de contribuição. Segundo Silva e Niyama (2013, p. 209), a margem de contribuição unitária é a diferença entre a receita e gasto variável de cada unidade do produto.

Crepaldi (2002, p. 224) afirma que: “a margem de contribuição representa o valor que cobrirá os custos e despesas fixos da empresa e proporcionará o lucro”.

De acordo com Wernke (2004, p. 44) a margem de contribuição possui vantagens e limitações, tais como:

- É um instrumento para avaliar a viabilidade de aceitação de pedidos em condições especiais;
- Ajudam a administração a decidir que produtos devem merecer maior esforço de venda ou colocados em planos secundários, ou simplesmente tolerados pelos benefícios de vendas que possam trazer a outros produtos;
- Podem ser usadas para avaliar alternativas quanto a redução de preços, descontos especiais. Essas decisões são determinadas pela comparação dos custos adicionais, visando o aumento na receita de venda;
- Auxilia os gestores a entenderem a relação entre custos, volume, preço e lucro, fundamentando tecnicamente as decisões de vendas.

Portanto entende-se que se não existir limitação na capacidade produtiva, o mais rentável será o que apresentar maior margem de contribuição, e o que tiver fator limitante o mais rentável é o que tiver maior margem de contribuição em relação ao fator limitante.

2.5.2 Ponto de Equilíbrio

O ponto de equilíbrio é um indicador, que mostra o quanto é necessário vender para que as receitas possam se igualar aos custos.

O principal objetivo na análise do ponto de equilíbrio é conhecer o nível mínimo de venda ou produção que deve ser praticado na empresa para se obter um lucro desejado. (SILVA E NIYAMA 2013, p. 210).

Para Wernke (2004, p. 49) “é o nível de vendas que a empresa opera sem lucro ou prejuízo. Ou seja, o número de unidade vendidas no ponto de equilíbrio é o suficiente para a empresa pagar seus custos fixos e variáveis, sem gerar lucro.”

O ponto de equilíbrio pode ser expressa da seguinte forma:

$$Q = \text{Gastos Fixos} / [\text{Preço} - \text{Custo Variável}]$$

O ponto de equilíbrio é classificado em contábil, onde é preciso calcular o ponto de equilíbrio em quantidade e o ponto de equilíbrio em valor; em econômico, que é onde a empresa deseja obter um lucro mínimo; e financeiro, que ocorre quando são extraídos valores não desembolsáveis, como depreciação, amortização e exaustão.

2.5.3 Preço de Venda

O preço de venda interfere diretamente no lucro da empresa, por isso deve ser bem analisada pelos gestores.

Conforme Silva e Niyama (2013, p. 216), o preço de venda dos produtos depende de diversos fatores, tais como:

- Número de concorrentes, clientes, fornecedores e produtos substitutos, pois influenciam o ambiente competitivo da empresa;
- Ciclo de vida do produto. É essencial, na formação de preços, a identificação do ciclo de vida dos produtos, pois cada etapa corresponde a uma estratégia mercadológica na formação de gastos e de preços;
- Avaliação do mercado de atuação, pois os mercados são divididos em monopólios, oligopólios e concorrência perfeita.

Para a formação do preço de venda, são usados os métodos de custeamento, como custeio por absorção e custeio variável e a fórmula para o cálculo do preço de venda é: Preço de venda = Custo Total x *Markup*.

3 Metodologia

A classificação da pesquisa quanto a abordagem do problema, quanto à natureza da pesquisa, os objetivos, os procedimentos técnicos e o plano de coleta de dados.

Quando a natureza, a pesquisa está classificada como aplicada, pois segundo Barros e Lehfeld (2004, p. 34) “é quando o pesquisador é movido pela necessidade de conhecer, para a aplicação imediata de seus resultados. Contribui para fins práticos”.

Para Ruiz (2002, p. 50):

A pesquisa aplicada toma certas leis ou teorias mais amplas como ponto de partida, e tem como objetivo investigar, comprovar ou rejeitar hipóteses sugeridas pelos modelos teóricos.

A pesquisa neste estudo é aplicada, pois buscou desenvolver métodos práticos de solucionar problemas reais de fluxo de caixa e controle de custos da lancheria em estudo.

Quando aos objetivos podem ser classificados três tipos: pesquisas exploratórias, pesquisas descritivas e pesquisas explicativas.

O presente estudo é classificado em exploratória e descritiva. Segundo Gil (1999, p. 43), “exploratória, pois tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista, a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses

pesquisáveis para estudos posteriores”. Enquanto a pesquisa descritiva tem como objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis.

O estudo é classificado em descritiva, pois faz uma análise das entradas e saídas de recursos financeiros e controle de custos, que proporciona uma visão mais ampla do tema em estudo.

Os procedimentos técnicos usados para o presente estudo é classificado como pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e estudo de caso.

Conforme Gil (1999, p. 65), pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

Pesquisa documental, pois as informações são tiradas de documentos oficiais, conforme disponível na empresa, como demonstrativos e notas fiscais.

Segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 174):

A característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina fontes primárias. Estas podem ser feitas no momento em que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois.

Também é classificada como Estudo de Caso, que para Barros e Lehfeld (2004, p. 84), caracteriza-se como uma metodologia de estudo que se volta à coleta de informações sobre um ou vários casos particularizados.

Neste contexto se trata de um estudo de caso, pois foi implantado um fluxo de caixa e controle de custo em uma empresa real do ramo alimentício.

Quanto à abordagem do problema classifica-se como uma pesquisa qualitativa que segundo Fachin (2003, p. 81), é caracterizada pelos seus atributos e relaciona aspectos não somente mensuráveis, mas também definidos descritivamente.

Portanto trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois faz a coleta e análise dos dados com mais profundidade que visa buscar características ainda não observadas da empresa.

Os instrumentos de coleta de dados do presente estudo são de observação assistemática e participante e entrevista despadronizada.

Segundo Fachin (2003, p. 144), a coleta de dados deve ser efetuada diretamente na fonte de informações, ou seja, diretamente com o indivíduo sobre o qual recaiu a amostragem, seja em uma universidade, estabelecimento comercial, residência, empresa, etc.

No presente estudo a coleta de dados foi feita pela observação assistemática e participante. A observação assistemática consiste em recolher e registrar os fatos da realidade

sem que o pesquisador utilize meios técnicos especiais ou precise fazer perguntas diretas. (MARCONI E LAKATOS 2003, p. 192).

Já a observação participante, conforme Gil (1999, p. 113):

Consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. O Observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo.

Além da observação assistemática e participante, tem a entrevista despadronizada, que de acordo com Marconi e Lakatos (2003, p. 197), o entrevistador tem a liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada.

O plano de análise e interpretação de dados aconteceu após a coleta do material, que segundo Beuren (2004, p. 136) a análise está presente em vários estágios de investigação científica, tornando-se mais formal após o encerramento do processo de coleta de dados.

O presente estudo caracteriza-se como análise documental, que segundo Richardson (1999, *apud* Beuren 2004, p. 140), consiste em uma série de operações que visam estudar um ou vários documentos para descobrir as circunstâncias sociais e econômicas com as quais podem estar relacionados.

Portanto foi analisado e interpretado todos os dados coletados no trabalho, para a implantação de um fluxo de caixa e controle de custos.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 Implantação do Fluxo de Caixa

Sabe-se que o controle das entradas e saídas de recursos financeiros de uma empresa é muito importante para seu desenvolvimento, devido a este entendimento teve-se a ideia de propôs-se a implantação de um fluxo de caixa que possibilite uma visualização mais ampla da saúde financeira da empresa em estudo.

A fim de coletar dados, e a partir deles, elaborar o fluxo de caixa, foram criadas planilhas para o controle de vendas, de recebimentos e de compras. Para tanto, foi feita uma entrevista com o proprietário, para salientar as necessidades encontradas e obter informações das despesas e atividades da empresa.

Os dados foram coletados no mês de outubro de 2013 e analisados/modificados no Excel, para que pudesse ser de fácil entendimento para o proprietário. Após a coleta dos dados foram confeccionadas as planilhas auxiliares e o fluxo de caixa diário.

Abaixo a demonstração das entradas e saídas de recursos financeiros.

4.1.1 Entradas de recursos financeiros

As planilhas de recebimentos elaboradas servem para um acompanhamento detalhado das entradas de recursos financeiros da empresa. Como não existia nenhum controle desses ingressos, foi apresentado duas planilhas de recebimento que irão auxiliar na elaboração do fluxo de caixa.

CONTAS A RECEBER / VENDAS MÊS: Outubro 2013			
Data	Cliente	Valor	Histórico
01/out	Jorge F.	130,00	Vianda
	Fabio S.	240,00	Vianda
	Cecilia L.	140,00	Vianda
	Rafael P.	322,00	Caderneta
02/out	Rosângela	450,00	Vianda
03/out	Elena	260,00	Vianda
04/out	Aline	350,00	Vianda
05/out	Roberta	175,00	Vianda
	Paulo	130,00	Vianda
07/out	Juarez F.	350,00	Vianda
08/out	César	550,00	Caderneta
	Jocelito B.	400,00	Vianda
09/out	Delci C.	210,00	Vianda
10/out	Artur S.	250,00	Vianda
12/out	Juarez O.	162,00	Vianda
14/out	Edegar T.	175,00	Vianda
15/out	Rossano	150,00	Vianda
	Borges	290,00	Vianda
	Jorge F.	130,00	Vianda
18/out	Simone M.	125,00	Vianda
21/out	Fernando	160,00	Vianda
24/out	Nelci	300,00	Vianda
28/out	Francisco P.	135,00	Vianda
29/out	Fernando D.	150,00	Vianda
	Elenice	195,00	Vianda
31/out	Giovane S.	100,00	Vianda
TOTAL		6.029,00	

Planilha 1: Planilha de Recebimento do mês de outubro
Fonte: Autora (2013).

Nota-se na planilha 1, os recebimentos de clientes realizadas no mês de outubro. Observa-se na primeira coluna a data do recebimento, na segunda coluna o cliente, seguido do valor recebido e o histórico do recebimento, e no final do mês um total de todos os recebimentos diários.

Essa planilha irá ajudar o proprietário a controlar as entradas de recursos financeiros da empresa, visto que atualmente é controlado somente as compras a pagar, que são anotadas em cadernetas.

Com esse controle pelo Excel, o total diário é transferido para o Fluxo de Caixa criado conforme as necessidades da empresa estudada.

4.1.2 Saídas de recursos financeiros

Da mesma forma que as entradas, as saídas também necessitam de um acompanhamento diário. Com isso foi criada uma planilha de saídas dos recursos financeiros, onde constam os pagamentos aos fornecedores.

A planilha elaborada é do mês de outubro de 2013 e também feito pelo aplicativo do Excel.

CONTROLE DE COMPRAS		MÊS/ANO: Outubro 2013		
DATA	FORNECEDOR	VALOR	DATA VENC.	OBS
01/out	Casper Dist. De Prod. Alimenticios LTDA	R\$ 222,73	22/10/2013	Boleto
02/out	Beliva Com. De Prod. Alimenticios LTDA	R\$ 171,27	02/10/2013	À Vista
08/out	Casper Dist. De Prod. Alimenticios LTDA	R\$ 239,40	29/10/2013	Boleto
09/out	Distribuidor de Bebidas Vitória	R\$ 85,60	09/10/2013	À Vista
	União Distribuidora de Bebidas LTDA	R\$ 234,43	17/10/2013	Boleto
11/out	Bocchi Atacado LTDA	R\$ 439,73	01/11/2013	Boleto
14/out	Com. de Transp. De Alim. Dovette LTDA	R\$ 111,95	25/10/2013	Boleto
16/out	Distribuidor de Bebidas Vitória	R\$ 54,80	16/10/2013	À Vista
	Toplex Distribuidor de Alimentos LTDA	R\$ 21,16	16/10/2013	À Vista
19/out	Casper Dist. De Prod. Alimenticios LTDA	R\$ 247,46	09/11/2013	Boleto
23/out	Casper Dist. De Prod. Alimenticios LTDA	R\$ 202,32	13/11/2013	Boleto
	União Distribuidora de Bebidas LTDA	R\$ 128,38	29/10/2013	Boleto
	Distribuidor de Bebidas Vitória	R\$ 90,60	23/10/2013	À Vista
26/out	Noroeste Bebidas LTDA	R\$ 156,93	02/11/2013	Boleto
29/out	Casper Dist. De Prod. Alimenticios LTDA	R\$ 104,70	19/11/2013	Boleto
30/out	Distribuidor de Bebidas Vitória	R\$ 30,30	30/10/2013	À Vista
	União Distribuidora de Bebidas LTDA	R\$ 76,60	05/11/2013	Boleto
TOTAL		R\$ 2.618,36		

Planilha 2: Planilha de pagamento do mês de outubro
 Fonte: Autora (2013).

A planilha 2 foi elaborada para o controle de pagamento dos recursos financeiros. Na primeira coluna consta a data da compra, na segunda coluna o fornecedor, seguindo do valor a ser pago e da data de vencimento, na quinta coluna tem as observações que servem para dizer se o pagamento é a prazo, com boleto, ou à vista.

Com isto, o proprietário consegue visualizar os dias de pagamento aos fornecedores e se preparar para o desembolso sem prejudicar o caixa, além de diminuir os dias de atraso dos pagamentos. Os dados coletados na planilha são transferidos, assim como as entradas, para o Fluxo de Caixa elaborado.

A empresa tem, além das saídas, despesas como luz, água, telefone, combustível, cartão de crédito, tarifas bancárias, escritório contábil, que são lançadas mensalmente diretamente no fluxo de caixa da empresa.

Tendo as planilhas de controle de recebimentos e pagamentos completos, foi elaborada a planilha de fluxo de caixa diário, que será vista no próximo item.

4.1.3 Fluxo de Caixa Operacional

O Fluxo de caixa é o controle de entradas e saídas dos recursos financeiros, que auxiliam os gestores na tomada de decisão.

Com as necessidades encontradas na empresa em estudo, foi elaborado um fluxo de caixa de fácil entendimento e simples para o proprietário. Foi estruturado a partir do mês de outubro de 2013.

O Fluxo de Caixa foi estruturado com base nos mapas auxiliares de pagamentos e recebimentos que foram elaborados anteriormente. Os dados coletados foram analisados e descritos no fluxo de caixa conforme a necessidade e entendimento do proprietário. Depois foi explicado o funcionamento dos mapas auxiliares e do fluxo de caixa para o preenchimento correto das planilhas.

Modelo de Fluxo de Caixa Diário Período: 01/10/2013 a 31/10/2013																																		
	Dia 1	Dia 2	Dia 3	Dia 4	Dia 5	Dia 6	Dia 7	Dia 8	Dia 9	Dia 10	Dia 11	Dia 12	Dia 13	Dia 14	Dia 15	Dia 16	Dia 17	Dia 18	Dia 19	Dia 20	Dia 21	Dia 22	Dia 23	Dia 24	Dia 25	Dia 26	Dia 27	Dia 28	Dia 29	Dia 30	Dia 31			
Saldo Inicial	-	504,63	772,32	1.074,82	1.187,56	1.537,56	1.537,56	1.788,21	2.180,00	2.349,90	1.641,90	1.450,76	1.642,76	1.642,76	1.876,76	2.350,61	2.338,65	2.356,12	2.105,12	2.128,12	2.128,12	2.335,12	2.130,39	2.093,79	2.293,33	2.216,38	2.251,38	2.251,38	2.231,26	2.083,55	2.123,55			
Entradas																																		
Vianda	510,00	450,00	260,00	350,00	305,00		350,00	400,00	210,00	250,00		162,00		175,00	570,00			125,00			160,00			300,00				135,00	345,00		100,00			
Marmite/Almoço	20,00	24,00	16,00	10,00	12,00		10,00	20,00	20,00	22,00		12,00		20,00	10,00	28,00	121,00	104,00	12,00		20,00	10,00	42,00	34,00	24,00	10,00		14,00	12,00	27,00	14,00			
Outros	5,00	20,00	16,50	12,00	22,50		5,00	5,50	13,50	9,00		10,00		17,50	10,00	10,50		5,00	5,00		12,00	8,00			7,00	20,00		3,00		5,00	15,00			
Bebidas	10,00	12,00	10,00	6,00	10,50		7,00	4,00	12,00	11,00		8,00		21,50	11,00	25,50	17,50	12,00	6,00		15,00		12,00	10,00	4,00	5,00		10,00	12,00	8,00	5,00			
Cademetas	322,00							550,00									115,00																	
Total Entradas	867,00	506,00	302,50	378,00	350,00	-	372,00	979,50	255,50	292,00	-	192,00	-	234,00	601,00	64,00	253,50	246,00	23,00	-	207,00	18,00	54,00	344,00	35,00	35,00	-	162,00	369,00	40,00	134,00			
Saídas																																		
Fornecedores	362,37	238,31		265,26			121,35	157,22	85,60						127,15	75,96	236,03					222,73	90,60	144,46	111,95			182,12	352,71					
Escritório Contábil										1.000,00																								
Água											191,14																							
Luz																																	340,93	
Telefone																													164,00					
Combustível								430,49																										
Cartão de Crédito																		497,00																
Total Saídas	362,37	238,31	-	265,26	-	-	121,35	587,71	85,60	1.000,00	191,14	-	-	-	127,15	75,96	236,03	497,00	-	-	-	222,73	90,60	144,46	111,95	-	-	182,12	516,71	-	340,93			
Saldo Final	504,63	772,32	1.074,82	1.187,56	1.537,56	1.537,56	1.788,21	2.180,00	2.349,90	1.641,90	1.450,76	1.642,76	1.642,76	1.876,76	2.350,61	2.338,65	2.356,12	2.105,12	2.128,12	2.128,12	2.335,12	2.130,39	2.093,79	2.293,33	2.216,38	2.251,38	2.251,38	2.231,26	2.083,55	2.123,55	1.916,62			

Planilha 3: Planilha de Fluxo de Caixa

Fonte: Autora (2013).

A elaboração do fluxo de caixa operacional (planilha 3), começou no mês de outubro e teve saldo inicial zerado, pois o objetivo é proporcionar um fluxo de caixa com uma estrutura ideal para a empresa.

Este fluxo de caixa está dividido em entradas, que são as viandas, marmitex e almoço; outros que seriam pães, cucas, doces, bolachas, salgados, sorvete; bebidas que são os refrigerantes, sucos e água; e cadernetas que é onde as pessoas compram e pagam por mês. As saídas que são os fornecedores; o escritório contábil; água; luz; telefone; combustível e cartão de crédito.

Nota-se que no primeiro e décimo quinto dia do mês, foi o que mais entrou dinheiro das viandas, pois alguns clientes pagam mensalmente e outros por quinzena. Nos desembolsos observou-se que o oitavo e o vigésimo nono dia do mês foram os dias de pagamento de maior valor, totalizando R\$ 587,71 e R\$ 516,71 respectivamente.

Os quatro dias (1º, 2, 3 e 29), onde aparecem valores maiores que os pagos pela planilha de pagamentos no mês (planilha 2), são referente as duplicadas do mês de setembro que tiveram vencimentos no mês de outubro, portanto fizeram parte do fluxo de caixa.

As despesas com escritório contábil totalizam mensalmente R\$ 1.000, pois está incluso o pagamento dos impostos referente a empresa, por esse motivo e para relatar como realmente acontece na empresa não foram destacados no fluxo de caixa os impostos pagos.

Sendo assim, verificou-se que em nenhum momento o saldo ficou negativo, pois os recebimentos sempre supriram os desembolsos necessários totalizando no final do mês um saldo positivo de R\$ 1.916,62. E com isso o proprietário conseguiu se organizar melhor para os próximos meses.

4.2 Controle de Custos

A empresa em estudo atualmente não possui um controle de seus custos, com isso foi desenvolvido um controle de custos básico para o proprietário. A planilha foi estruturada conforme necessidade do proprietário e de fácil entendimento.

CUSTOS DIRETOS CUCA	VALOR
Ovo	
Farinha	
Manteiga	
Açúcar	
Goiabada	
TOTAL	R\$ -

Planilha 4: Planilha de controle de custos.

Fonte: Autora (2013).

A planilha 4 foi desenvolvida para controle dos custos diretos de fabricação. O produto informado nessa planilha é a fabricação deucas, sendo que os demais produtos fabricados usam, na sua maioria, os mesmos, portanto foi utilizado este exemplo para transmitir ao proprietário, o qual terá que preencher e controlar. O mesmo preferiu não mostrar o valor dos custos, para sigilo das informações. Os totais aqui encontrados vão diretamente para a planilha da DRE.

Utilizando essa planilha, terá um controle dos custos diretos usados na fabricação desses produtos, sendo de melhor visualização para criação do preço de venda e visar um lucro maior para a empresa.

Para o controle mais eficaz dos seus custos, foi criada a planilha de receita de cada produto.

RECEITA	
PRODUTO	VALOR
Cuca	R\$ -
Pão	R\$ -
Massa	R\$ -
Rapadura	R\$ -
Bolacha	R\$ -
Salgado	R\$ -

Planilha 5: Receita

Fonte: Autora (2013).

A planilha 5 foi criada para acompanhamento das receitas de cada produto produzido, os valores aqui colocados são transferidos para a DRE automaticamente, no campo receita.

Outra planilha sugerida foi a de custos e despesas indiretas, onde a mesma é preenchida conforme estes gastos ocorrem mensalmente, podendo assim calcular os custos de cada produto.

CUSTOS E DESPESAS IDIRETAS	VALOR
Fornecedores	R\$ -
Escritório Contábil	R\$ -
Água	R\$ -
Luz	R\$ -
Telefone	R\$ -
Gás	R\$ -
Mão-de-Obra	R\$ -
Combustível	R\$ -
TOTAL	R\$ -

Planilha 6: Custos e Despesas Indiretas
 Fonte: Autora (2013).

A planilha 6 de controle de custos e despesas indiretas tem os fornecedores, escritório contábil, água, luz, telefone, gás, mão-de-obra e combustível. Os totais desta planilha vão automaticamente para a planilha da DRE nos custos indiretos.

Na próxima planilha a ser apresentada, tem-se a DRE, onde temos uma visualização melhor da margem de contribuição e o lucro de cada produto.

DRE	Cuca	Pão	Massa	Rapadura	Bolacha	Salgado	TOTAL
Receita	R\$ -	R\$ -	R\$ -	R\$ -	R\$ -	R\$ -	R\$ -
(-) Custos variáveis	R\$ -	R\$ -	R\$ -	R\$ -	R\$ -	R\$ -	R\$ -
(=) Margem de contribuição	R\$ -	R\$ -	R\$ -	R\$ -	R\$ -	R\$ -	R\$ -
(-) CIF	R\$ -	R\$ -	R\$ -	R\$ -	R\$ -	R\$ -	R\$ -
(=) Lucro	R\$ -	R\$ -	R\$ -	R\$ -	R\$ -	R\$ -	R\$ -

Planilha 7: DRE
 Fonte: Autora (2013).

Com a planilha 7 da DRE temos as receitas coletadas da planilha 5, seguindo dos custos variáveis conforme valores da planilha 4 dos custos do produto dado como exemplo, contendo então a margem de contribuição que são as receitas menos os custos variáveis. Sendo assim o proprietário consegue visualizar a contribuição de cada produto em relação aos custos e o lucro.

Os custos e despesas indiretas são tiradas diretamente da planilha 6 mostrada acima, onde consta os custos indiretos de fabricação e as despesas dos produtos, que deduzindo da margem de contribuição tem-se o lucro ou prejuízo. Ou seja, para se obter lucro a margem de contribuição tem que ser maior que os custos indiretos, caso contrário terá prejuízo.

Com esse controle o proprietário teve maior visualização de seus custos e pôde comparar se o preço colocado nos produtos, está de acordo com o que realmente existe em cada um deles.

Para uma maior segurança de seu estabelecimento, pois expôs todos os dados da empresa, o proprietário preferiu não mostrar os valores encontrados no controle dos custos.

5 Conclusão

No mundo dos negócios, a competitividade está cada vez mais presente, tornando necessário que o empreendedor conheça maneiras mais eficientes para o crescimento da empresa. Com intuito de auxiliar o proprietário na tomada de decisão, foi proposto instrumentos como fluxo de caixa e controle de custos para ajudar nos processos de entrada e saídas dos recursos financeiros.

Por ser uma empresa pequena, foi desenvolvido planilhas de fácil entendimento onde o proprietário possa preencher e identificar os ingressos e desembolsos de caixa e os custos com cada produto produzido dia a dia. Pelo fato do pesquisador fazer parte da família do proprietário, foi mais fácil coletar os dados, como notas, despesas, boletos, e entender a necessidade do dono da empresa.

Para sanar os objetivos deste trabalho, tais como identificar os ingressos e desembolsos de caixa, foi formulado a planilha do fluxo de caixa identificando todas as entradas e saídas dos recursos financeiros, salientando que o modelo que mais se enquadra a empresa é o fluxo de caixa operacional, por ser o mais tradicional e de simples entendimento.

Os custos foram identificados através da planilha de controle de custos, onde foi dado exemplo de um produto de fabricação própria, assim como planilha de receita, custos indiretos e despesas e planilha de DRE.

Conforme demonstrado foi realizada a análise do fluxo de caixa no mês de outubro de 2013, e foi desenvolvida diariamente para melhor visualização dos recursos financeiros. Com isso conclui-se que a empresa obteve resultado positivo, tendo recursos de sobra para todos os dias apresentados, sendo assim a ferramenta foi extremamente importante, pois o proprietário conseguiu visualizar antecipadamente os ingressos e desembolsos de caixa, podendo gerenciar melhor o seu caixa.

Com as planilhas de controle de custos, o proprietário pode se organizar melhor, identificando gastos desnecessários e analisando o desempenho de cada produto, a fim de se ter mais lucro.

Portanto conclui-se que os objetivos do trabalho foram alcançados, na medida em que o proprietário, tendo o entendimento das ferramentas, implantou na empresa as planilhas elaboradas para que se tenha uma melhor tomada de decisão e melhor controle de entradas e saídas de recursos financeiros.

Referências

- ASSAF NETO, Alexandre. SILVA, César Augusto Tibúrcio. **Administração do Capital de Giro**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- ATKINSON, Anthony A. BANKER, Rajiv D. KAPLAN, Robert S. e YOUNG, S. Mark. **Contabilidade Gerencial**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- BARROS, Aidil de Jesus Paes de. LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Projeto de Pesquisa: Propostas Metodológicas**. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BERTI, Anélio. **Custos: Uma Estratégia de Gestão**. São Paulo: Ícone, 2002.
- BEUREN, Ilse Maria. **Como Elaborar Trabalhos Monográficos em Contabilidade**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2004.
- BRUNI, Adriano Leal; FAMÁ, Rubens. **Gestão de Custos e Formação de Preços**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- CREPALDI, Silvio Aparecido. **Curso Básico de Contabilidade de Custos**. 2ªed. São Paulo: Atlas, 2002.
- DUTRA, René Gomes. **Custos Uma Abordagem Prática**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. 4ª ed. São Paulo: Saraiva, 2003.
- FATORES CONDICIONANTES E TAXAS DE SOBREVIVÊNCIA E MORTALIDADE DAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS NO BRASIL 2003-2005**. Disponível em [http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/CE2BEFAD7895DAB48325756D00792E5A/\\$File/NT0003DE3E.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/CE2BEFAD7895DAB48325756D00792E5A/$File/NT0003DE3E.pdf)> Acesso em 01 de Maio de 2013.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5ª de. São Paulo: Atlas, 1999.
- HORNGREN, Charles T. SUNDEM, Gary L. STRATTON, Willian O. **Contabilidade Gerencial**. 12ª ed. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

IUDÍCIBUS, Sérgio. MARION, José Carlos. **Introdução á Teoria da Contabilidade.** 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, Eliseu. **Contabilidade de Custos.** 9ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

NORMAS BRASILEIRAS DE CONTABILIDADE. Disponível em <http://www.cfc.org.br/uparq/NBCT3.8DemFluxoCaixa_AudienciaPublica.pdf> Acesso em 26 de Maio 2013.

PADOVEZE, Clóvis Luís. **Controladoria estratégica e Operacional.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning 2003.

PEREZ JUNIOR, José Hernandes. OLIVEIRA, Luís Martins. COSTA, Rogério Guedes. **Gestão Estratégica de Custos.** 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2001.

PIVETTA, Geize. **A Utilização do Fluxo de Caixa nas Empresas: Um modelo para a pequena empresa.** Revista Eletrônica de Contabilidade. Volume I. 2005.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia Científica: Guia para eficiência nos estudos.** 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

SÁ, Carlos Alexandre. **Fluxo de Caixa: a visão da tesouraria e da controladoria.** 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2012.

SILVA, César Augusto Tibúrcio. NIYAMA, Jorge Katsumi. **Contabilidade para concursos e exames de suficiência.** 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2013.

SILVA JÚNIOR, José Barbosa. **Custos: Ferramentas de Gestão.** São Paulo: Atlas, 2000.

WARREN, Carl S. REEVE, James M. FESS, Philip E. **Contabilidade Gerencial.** 6ª ed. Tradução da Norte-americana Andre O. D. Castro. São Paulo: Pioneira Thomson Learning 2003.

WERNKE, Rodney. **Gestão de Custos Uma Abordagem Prática.** 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2004.

ZDANOWICZ, José Eduardo. **Fluxo de Caixa.** 9ª ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2002.